

Vamos conversar hoje sobre um problema que é brasileiro e universal, o racismo. Racismo que motiva a reunião, neste momento, de milhares de cidadãos e de mais de uma dezena de governantes, em Durban, na África do Sul. Eu me refiro à III Conferência contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, que foi organizada para combinar formas de eliminar desigualdades entre as pessoas.

A questão do racismo no Brasil vem sendo enfrentada às claras desde 1995. Na época, o Governo brasileiro reconheceu, perante a ONU e de forma inédita, o problema racial que enfrentamos. Tivemos a humildade e a coragem de reconhecer que ainda temos preconceito e mantemos diferenças que são inaceitáveis.

Passamos, então, a buscar o entendimento com o movimento negro. E, no ano passado, criamos o Comitê Nacional, que preparou a participação do Brasil nessa III Conferência. Um Comitê democrático, com representantes do Governo, do movimento negro, indígena, de mulheres, de homossexuais, de defesa da liberdade religiosa, de migrantes e de pessoas portadoras de deficiência. O relatório do Comitê foi feito a partir dos anseios de cada um desses grupos de brasileiros, que se sentem e são injustiçados.

Formamos um país de cidadãos diferentes, porque temos origens em todos os continentes e em todas as crenças. Os nossos representantes na Conferência estão mostrando as medidas que estamos tomando para reduzir nossas desigualdades, nossas diferenças. Na semana passada, o Ministério da Educação anunciou que está negociando com o Banco

Interamericano de Desenvolvimento a criação de um fundo de 10 milhões de reais. Esse fundo vai patrocinar cursos pré-vestibulares para alunos negros que já concluíram ou que estão terminando o ensino médio. E os Ministérios da Justiça e da Cultura, mais a Fundação Palmares, assinaram há poucos dias a portaria de projeto que vai capacitar 11 mil jovens negros para o mercado de trabalho.

Lembro ainda que, em 1994, 11% de nossas crianças dos 7 aos 14 anos estavam fora da escola. Eram sobretudo pobres, negras e nordestinas. Felizmente, hoje, 97% de nossas crianças, nessa faixa etária, freqüentam a escola. Foi uma boa conquista na luta contra a discriminação, que ainda estamos longe de vencer.